

# Banqueiros: a dívida não pode ser paga.

A dívida externa de países em desenvolvimento, como o Brasil, não pode ser paga. Um número cada vez maior de pessoas ligadas aos meios financeiros internacionais está chegando a essa conclusão. Ontem, por exemplo, o Financial Times publicou uma palestra do presidente do Banco de Pagamentos Internacionais (BIS), Fritz Leutwiler, onde ele afirma que "os países em desenvolvimento não podem resolver seu problemas de dívidas, nem mesmo com grandes esforços", mas avisa que o sistema bancário vai mostrar-se menos generoso em conceder créditos no futuro.

A impossibilidade de a América Latina pagar suas dívidas também foi lembrada no encerramento da conferência da Federação Latino-Americana de Bancos, em Bogotá. Os banqueiros presentes afirmaram que é imprescindível "levantar as restrições ao comércio internacional, melhorar os preços dos produtos básicos, reformar o FMI e assegurar a integração latino-americana" para assentar as bases de uma recuperação duradoura.

Segundo eles, "neste primeiro ano de negociações da dívida, a situação interna dos devedores se tornou muito mais difícil e, portanto, mais remotas as possibilidades de pagamento das dívidas".

## Menos juros

Por sua vez, o presidente da Câmara de Comércio Brasil-Alema- nha, Ricco Harbich, que retornou de viagem à Europa, onde manteve contatos com diversos banqueiros, disse ontem, em Porto Alegre, que "eles entendem que só existe uma possibilidade de solucionar a dívida externa brasileira, que é através

de uma carência maior para o seu pagamento, com juros reduzidos", mas enfatizou que a fórmula de concretizar esta solução ainda não foi encontrada. Segundo Harbich, os banqueiros europeus "têm certeza" de que a concessão de novos créditos ao Brasil depois do acordo firmado com o Fundo Monetário Internacional, é uma solução "paliativa, suficiente para resolver a insolvência a curto prazo. Mas deveria ser procurada uma solução mais profunda e duradoura, que só será conseguida com um prazo longo para cumprimento dos compromissos financeiros".

Ricco Harbich disse ainda que os banqueiros europeus estão "muito preocupados com a sinceridade dos propósitos brasileiros", observando que os negociadores da dívida externa "até agora apresentaram números inexactos e metas não alcançáveis, o que aumentou o des- crédito do País no Exterior".

## Bombeiros

Segundo John Wicks, do Financial Times, o presidente do BIS, Fritz Leutwiler, está certo que, no futuro, os bancos centrais dos países desenvolvidos se mostrarão menos generosos em emprestar aos países endividados.

— Quando o caso brasileiro estiver resolvido, a brigada de bombeiros dos bancos centrais pretende recolher todas as suas manguei- ras — declarou Leutwiler, lembrando que a "teoria dura" vai, então, merecer mais atenção.

Isto significaria, disse ele, que o Fundo Monetário Internacional se mostraria mais cauteloso nos seus empréstimos. Os governos dos países credores dificilmente necessi- tam de recomendação de uma cau-

tela maior, uma vez que o dinheiro dos seus cidadãos que pagam impostos está envolvido nisto tudo, lembrou Leutwiler.

"Uma certa dose de fricção provavelmente pode ser esperada, mas esta é a única maneira para se evitar o perigo de que um número cada vez menor de países financeiramente fortes fique sustentando um número crescente de países financeiramente fracos." Se isto acontecesse, os países devedores acabariam, com o tempo, se acostumando a apelar para as "muletas financeiras" e o problema da dívida escaparia de qualquer controle.

Em relação aos bancos, Fritz Leutwiler disse acreditar que eles acabariam percebendo por conta própria que "não existe muita vantagem em se fornecer constantemente os juros a determinados países devedores, para receber o dinheiro de volta novamente, colocá-lo numa conta de lucro-e-prejuízo, mostrar bons rendimentos — e depois se utilizar disso para criar provisões substanciais porque as dívidas do país aumentaram. Até mesmo cortes provavelmente se tornariam inevitáveis, pelo menos em relação aos pagamentos de juros".

Os países em desenvolvimento, disse ele, não podem resolver os seus problemas de dívidas, nem mesmo com grandes esforços econômicos. Eles necessitam da ajuda do mundo industrializado, mas a longo prazo, não apenas através de uma constante renovação dos créditos. Ele propôs em particular que os países industrializados abram seus mercados aos produtos vindos do Terceiro Mundo e procurem diminuir o protecionismo de uma forma generalizada.

# Moratória requer estratégia

Em depoimento ontem na CPI da Câmara que investiga as causas do endividamento externo, o economista Ignácio Rangel afirmou que, na hipótese de decretação de uma moratória unilateral, como sugere a oposição, é indispensável montar uma estratégia de ajuste da economia às novas circunstâncias e que possa ser efetivamente posta em prática por seus gestores.

Rangel sustentou ainda que "a dívida externa, em seu aspecto atual, é simplesmente incobrável". Disse que a taxa de juros se elevou a "alturas sem precedentes, tornando insuportável o serviço da dívida, não por culpa nossa, mas por efeito da política financeira dos países capitalistas desenvolvidos, especialmente os Estados Unidos".